

REFLEXÕES SOBRE O CONTO “EVOLUÇÃO DE UMA MIOPIA”, DE CLARICE LISPECTOR

REFLECTIONS ON THE SHORT STORY “EVOLUTION OF A MYOPIA”, BY CLARICE LISPECTOR

Cacilda Bonfim³³

RESUMO: Análise literária do conto “Evolução de uma miopia”, de Clarice Lispector, publicado originalmente em 1964, na coletânea de contos *A legião estrangeira*. Objetiva-se trazer à tona reflexões sobre a educação do olhar com base no pensamento do filósofo Platão, evidenciando simultaneamente a imprevisibilidade advinda das ações humanas, conforme o pensamento de Hannah Arendt. A abordagem evoca também a conhecida dicotomia entre cegueira e visão presente em grande parte da literatura mundial a fim de deslindar os meandros existenciais que animam o conto. Deste modo, o presente artigo elege pressupostos teóricos-metodológicos voltados à análise hermenêutica dessa narrativa de Lispector, buscando um diálogo profícuo com a tradição filosófica no intuito de alcançar uma apreciação significativa.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Conto. Miopia. Visão. Filosofia.

ABSTRACT: The literary analysis of the short story “Evolution of a myopia”, by Clarice Lispector, originally published in 1964, in the collection of short stories of “The Foreign Legion”. The objective of this work is to bring up reflections on the education of the gaze based on the thought of the philosopher Plato, while showing the unpredictability arising from human actions, according to the thinking of Hannah Arendt. The approach also evokes the well-known dichotomy between blindness and vision present in much of the world literature in order to unravel the existential intricacies that animate the tale. Thus, the present article chooses theoretical-methodological assumptions aimed at the hermeneutic analysis of this Lispector narrative, seeking a fruitful dialogue with the philosophical tradition in order to achieve a meaningful appreciation.

Keywords: Clarice Lispector. Short stories. Myopia. Gaze. Philosophy.

³³ Professora de Filosofia no IFMA – campus Monte Castelo. Doutoranda em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura (PósLit) da Universidade de Brasília, UnB.

Ler Clarice Lispector arrebatava emoções e intelecto. Profusão de imagens que comove, questiona, faz pensar. Indispensável falar de sua importância para a Literatura brasileira desde que essa omissão não escamoteie ela ter sido também, muitas vezes, recusada por editores, deixando de receber da crítica apenas exaltação, sendo considerada por muitos como uma escritora hermética. Com isso, desejo apenas pontuar que por trás do mito há também esforço, aperfeiçoamento, técnica, luta, persistência.

A fama de Clarice Lispector ultrapassa as fronteiras nacionais. Mesmo aqui, onde muitos nunca a leram, mas sentem certo orgulho em mencioná-la, sua figura pública vai com o tempo e com a proliferação de mídias sociais se tornando mais glamourosa e envolta em controvérsias e mistérios. Frases que ela nunca escreveu circulam na *internet* como se fossem de sua autoria, enquanto outras, que de fato lhe pertencem, tiradas de contexto se tornam banais como se fossem *slogans* de um certo estilo de vida. Por outro lado, a benesse dessa fama se reflete na facilidade de encontrar suas obras disponíveis e poder lê-las com a certeza de que se está lendo Clarice Lispector e não um outro autor.

Estudos acadêmicos e biografias comprometidas também nos ajudam a ter acesso a sua obra: crônicas, contos, literatura infantil, romances. Em todos eles a marca da mão da autora, uma pessoa

(...) que não começou a escrever tarde, que não parou por causa do casamento ou dos filhos nem sucumbiu às drogas ou ao suicídio; uma mulher que, como tantos escritores homens, começou na adolescência e perseverou até o fim; uma mulher que, em termos demográficos, era exatamente igual à maioria de suas leitoras (MOSER, 2016, p. 14).

Nessa edição comemorativa do centenário de seu nascimento, debruço-me sobre o modo como se enxerga o mundo, tema que anima a narrativa “Evolução de uma miopia”, integrante da antologia de contos *A legião estrangeira*, publicado originalmente em 1964.

Um menino – cuja lógica de raciocínio indica que está mais para adolescente do que para criança – percebe que os comentários que exprime surpreendem seus familiares. A admiração que estes têm por ele brota de um reconhecimento velado pela inteligência do garoto que, ao captar o efeito de suas palavras, estabelece com tais adultos

uma relação calculada, como se estivesse em uma disputa de jogo de damas ou coordenando os movimentos de uma coreografia.

(...) ao dizer alguma coisa inteligente, cada adulto olharia rapidamente o outro, com um sorriso claramente suprimido dos lábios, um sorriso apenas indicado com os olhos, "como nós sorriríamos agora, se não fôssemos bons educadores" — e, como numa quadrilha de dança de filmes de faroeste, cada um teria de algum modo trocado de par e lugar. Em suma, eles se entendiam, os membros de sua família; e entendiam-se à sua custa. Fora de se entenderem à sua custa, desentendiam-se permanentemente, mas como nova forma de dançar uma quadrilha: mesmo quando se desentendiam, sentia que eles estavam submissos às regras de um jogo, como se tivessem concordado em se desentenderem (LISPECTOR, 2016, p. 328).

A frase do narrador escrita entre aspas evidencia que ele próprio, bem como os narratários são docentes ou, pelo menos, pessoas ligadas à Educação. Enseja, também, uma crítica à postura do educador que esconde seu espanto diante da argúcia do discente, revelando simultaneamente a inaptidão dos adultos para lidar com a sagacidade do garoto. A imagem de incapacidade se completa com a descrição presente no mesmo excerto selecionado: os membros da família constantemente se entendem e se desentendem, sendo o menino a força centrípeta que atua no vínculo entre os parentes.

É sintomático que a primeira instabilidade nasça do próprio jogo, pois o garoto não sabe precisar se de fato é inteligente, já que para ele a existência dessa qualidade depende da manifestação oscilante dos outros que, em algumas ocasiões, expressam facialmente a admiração por suas frases e, em outras, mostram-se indiferentes às suas observações. E assim, “Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia mover a família, e outra vez não. Sua inteligência era julgada pela falta de disciplina alheia?” (LISPECTOR, 2016, p.1).

Além da indagação do protagonista, que evidencia a hesitação da certeza, a informação de que ele está no estágio inicial da miopia é também preciosa, pois indica ao leitor que, ao longo do conto, a disfunção irá progredir, algo que justifica o próprio título.

Sabe-se que a miopia é um distúrbio ocular relacionado ao foco de visão. Enquanto os objetos próximos podem ser vistos com clareza, os que estão mais distantes aparecem sem definição, embaçados, fora do foco. Logo, a miopia progressiva do personagem é um indício tanto do distanciamento existente entre ele e seus familiares quanto da forma alterada como os enxerga. Sem dúvida, o menino parece não ser o único como problemas de distorção na visão, pois, desde o início, a inconstância dos familiares pode ser metaforicamente compreendida como incapacidade para enxergar quem o garoto realmente é. Porém, como é o campo de visão do menino que sofrerá alteração, a narrativa concentra-se em sua pessoa e no efeito que a falta de certeza sobre sua inteligência lhe causa.

De certo modo, os adultos constituem o todo com o qual o garoto se relaciona e, nesse sentido, a miopia se torna a condição básica da percepção que o protagonista estabelece com o universo ao seu redor, ficando evidente uma distorção no modo como ele encara o próprio mundo. Assim, após indagar e, nas entrelinhas, concluir que sua inteligência dependia da indisciplina dos outros, resolve substituir a oscilação alheia pela sua própria, ficando a partir daí em “um estado de instabilidade consciente” (LISPECTOR, 2016, p. 329).

As questões em torno da estabilidade *versus* a instabilidade remetem aos primórdios da filosofia, mais precisamente a Platão e sua teoria dos dois mundos, expressa principalmente nos livros VI e VII do diálogo *A República*. Percebe-se ali que, enquanto o mundo das ideias (inteligível) é fixo e imutável, a dimensão sensível se mostra efêmera, fonte de engano e ilusão (509 d – 511 e).

Ora, alcançar o mundo inteligível se relaciona com a tarefa de educar os olhos do espírito (518 d) para que estes, mirando à grande distância, sejam capazes de abranger integralmente as partes de um todo, visão sinóptica de obtenção do conhecimento verdadeiro, sobre o qual nenhuma dúvida repousa (537 c).

O personagem de Lispector parece se encontrar na mesma chave de aspiração: atingir a certeza de sua própria inteligência, ou, pelo menos, depois de algum tempo, não depender mais da inconstância alheia. Note-se que o anseio continua o mesmo, ainda que apresente certa contradição: conseguir estabilidade através da aceitação da instabilidade.

Seu olhar também passará por um processo que lhe permitirá superar as limitações físicas da visão.

Todavia, apesar da crença na possibilidade de se atingir pela inteligência um mundo de essências imutáveis, não se pode negar que o mesmo não ocorrerá quando se lida com as ações humanas, pois estas se dão em um fluxo de relações, isto é, em meio ao que a pensadora Hannah Arendt chamou de “teia das relações humanas”, composta por inúmeras vontades e intenções conflitantes que geralmente impedem que uma ação específica atinja de forma tangível seu objetivo:

Como a ação atua sobre seres que são capazes de realizar suas próprias ações, a reação, além de ser uma resposta, é sempre uma nova ação que segue seu curso próprio e afeta os outros. Assim, a ação e a reação entre os homens jamais se passam em um círculo fechado e jamais podem ser restringidas de modo confiável (ARENDETT, 2018, p. 236).

Pode-se perceber que toda ação acarreta resultados incertos e imprevisíveis, sendo também desencadeadora de processos que se iniciam com a (re) ação das outras pessoas, que, por sua vez, também se movem sob o signo da incerteza. Essa imprevisibilidade é exatamente a principal razão do desprezo da tradição metafísica pela esfera dos assuntos humanos.

Sem dúvida, o caráter de imprecisão dos atos do protagonista e daqueles que estão ao seu redor imprime à narrativa um halo de tragicidade que em certos momentos provoca piedade no leitor.

A impossibilidade de prever todas as consequências lógicas de um ato soma-se à miopia do protagonista, pois, embora seja uma condição física, essa distorção da visão funciona também como metáfora dos olhos do espírito, demarcando que o personagem tem, em sua singular natureza, dificuldade de enxergar nitidamente tudo o que estiver à distância.

O garoto, em sua ingênua sagacidade, é posto entre o desejo de fixidez (segurança, controle de suas ações) e a impossibilidade de realizá-lo, já que os resultados

dos atos humanos estão para além do controle dos agentes. Revive, assim, o ciclo da eterna ânsia pela estabilidade de algo cuja natureza é fugidia.

Significativamente, em meio à descrição desse aflitivo processo vivido pelo personagem, percebe-se que a narrativa dá um salto no tempo. O foco distancia-se do presente e mira o futuro:

Quando homem, manteve o hábito de pestanejar de repente ao próprio pensamento, ao mesmo tempo que franzia o nariz, o que deslocava os óculos — exprimindo com esse cacoete uma tentativa de substituir o julgamento alheio pelo próprio, numa tentativa de aprofundar a própria perplexidade (LISPECTOR, 2016, p. 329).

A mudança de perspectiva solidifica e acompanha a alteração do ângulo de visão do próprio personagem, cujo olhar começa a se dirigir para dentro de si. Poucas linhas depois, ainda no mesmo parágrafo, a narrativa volta ao presente e completa: “Mas era um menino com capacidade de estática: sempre fora capaz de manter a perplexidade como perplexidade, sem que ela se transformasse em outro sentimento” (LISPECTOR, 2016, p. 329). Sabe-se que a perplexidade diz respeito a um estado de hesitação que gera certa paralisia, incapacidade de agir mediante um choque, um espanto. Normalmente, tal estado gera angústia nas pessoas, mas o mesmo não acontece com o menino. E uma espécie de calma vai se espalhando por sua condição de incerteza:

Que a sua própria chave não estava com ele, a isso ainda menino habituou-se a saber, e dava piscadelas que, ao franzirem o nariz, deslocavam os óculos. E que a chave não estava com ninguém, isso ele foi aos poucos adivinhando sem nenhuma desilusão, sua tranquila miopia exigindo lentes cada vez mais fortes (LISPECTOR, 2016, p. 329).

Não deixa de ser impactante que agora seja o leitor que se surpreenda e de certo modo sinta-se perplexo mediante a indiferença estoica que o personagem apresenta frente ao que geralmente mais aflige as pessoas. O inesperado vai se tornando tão

manifesto que toma a aparência de solidez. Assim, longe de se deixar abalar por estar mergulhando na imprecisão, percebe que ela lhe serve até de vantagem.

Por estranho que parecesse, foi exatamente por intermédio desse estado de permanente incerteza e por intermédio da prematura aceitação de que a chave não está com ninguém — foi através disso tudo que ele foi crescendo normalmente, e vivendo em serena curiosidade. Paciente e curioso (LISPECTOR, 2016, p. 329-330).

Porém, enquanto crescia e a miopia progredia, essa sua curiosidade paciente – acrescida pelo sestro de franzir o nariz e deslocar os óculos – era às vezes tomada pelos outros como “nervosismo” e outras vezes como “docilidade”, evidenciando-se novamente a marca da instabilidade na hesitação do julgamento que a própria família fazia ao dar um nome “não ao que ele era, mas à necessidade variável dos momentos” (LISPECTOR, 2016, p. 330). Por outro lado, esse traço de curiosidade revela um estado de não conformismo. O garoto quer enxergar melhor aquilo que se mostra turvo e embaralhado. O avanço da miopia, acompanhando seu próprio desenvolvimento, é o estímulo que o impulsiona a continuar querendo saber como as coisas realmente são.

Na sequência textual, o garoto fica sabendo que passará o dia na casa de uma prima que, apesar de casada, não tinha filhos e gostava muito de crianças. Em sua “calma de óculos”, como se refere o narrador, surge nele uma espécie de inspiração quando percebe que naquele dia estaria sob a égide da estabilidade, já que a prima, em seu amor “extra”, o veria sob uma única perspectiva. Assim, no espaço daquelas horas que passariam juntos, o garoto vislumbrou uma garantia: “Ali o amor, mais facilmente estável de apenas um dia, não daria oportunidade a instabilidades de julgamento: durante um dia inteiro, ele seria julgado o mesmo menino” (LISPECTOR, 2016, p. 330).

A evolução de sua miopia registra mais uma vez a insegurança que sente ao ser observado pelos outros. Nesse sentido, a expressão “julgar”, mencionada várias vezes ao longo do texto, põe em cena ainda mais uma vez o poder que o olhar dos outros exerce sobre o menino, realçando sua insegurança. Expressão de uma avaliação, o ato judicante passa por um crivo valorativo que pressupõe imparcialidade. Ora, esse princípio elementar está inegavelmente ausente nas relações estabelecidas entre o menino e sua

família, de tal modo que a palavra perde seu sentido primordial e ganha a conotação de que ser julgado é estar sob o olhar instável (logo, injusto) de um avaliador inepto. Ao mesmo tempo, a necessidade de ser aceito mostra-se patente no protagonista.

Fica cada mais evidente o caráter de distorção que o texto enseja. A compreensão de valores simples, acessíveis para qualquer um que compartilhe de um senso comum social e que se mostram nos critérios que norteiam a vida em conjunto, aparece completamente distorcida na mente ansiosa e insegura do personagem.

Uma semana antes da data em que passaria o dia com a prima, o personagem começa a calcular estratégias de ação: seria natural ou falaria algo de imediato para que ela já concluísse na primeira impressão que ele era inteligente?

Quanto mais idealizava suas atitudes, mais percebia que poderia ir aos extremos, podendo tanto se passar por um palhaço, quanto transparecer pena e tristeza: “O que o tranquilizava era saber que a prima, com seu amor sem filhos e sobretudo com a falta de prática de lidar com crianças, aceitaria o modo que ele decidisse de como ela o julgaria” (LISPECTOR, 2016, p. 331).

Ora, o que o tranquilizava era, portanto, uma certeza: sua decisão sobre o que ela aceitaria. O jogo em que o personagem se enreda se mostra então com toda sua força manipuladora, sendo sintomático que, mesmo mediante tal evidência, o narrador reforce a indiferença do personagem frente às incertezas:

Pois prematuramente — tratava-se de criança precoce — era superior à instabilidade alheia e à própria instabilidade. De algum modo pairava acima da própria miopia e da dos outros. O que lhe dava muita liberdade. Às vezes apenas a liberdade de uma incredulidade tranquila. Mesmo quando se tornou homem, com lentes espessíssimas, nunca chegou a tomar consciência dessa espécie de superioridade que tinha sobre si mesmo (LISPECTOR, 2016, p. 331).

O trecho soa como ironia, pois se o garoto já havia aceitado a instabilidade a ponto de internalizá-la para não depender da oscilação alheia, é justamente um acontecimento inesperado que lhe demove dessa aceitação e o põe novamente a fazer cálculos de previsibilidade acerca da reação da prima. Note-se que o grau de miopia, manipulação, incerteza e desejo de controle e de estabilidade é tão elevado que esses elementos se amalgamam no personagem, revelando o conflito interno.

Outra coisa que o preocupava de antemão era o que faria o dia inteiro na casa da prima, além de comer e ser amado. Bem, sempre haveria a solução de poder de vez em quando ir ao banheiro, o que faria o tempo passar mais depressa. Mas, com a prática de ser amado, já de antemão o constrangia que a prima, uma estranha para ele, encarasse com infinito carinho as suas idas ao banheiro. De um modo geral o mecanismo de sua vida se tornara motivo de ternura. Bem, era também verdade que, quanto a ir ao banheiro, a solução podia ser a de não ir nenhuma vez ao banheiro. Mas não só seria, durante um dia inteiro, irrealizável como — como ele não queria ser julgado "um menino que não vai ao banheiro" — isso também não apresentava vantagem. Sua prima, estabilizada pela permanente vontade de ter filhos, teria, na não ida ao banheiro, uma pista falsa de grande amor (LISPECTOR, 2016, p. 331-332).

A distorção da visão é explícita. Ele tem medo do modo como ela o verá, da imagem que fará dele. Na verdade, esse parece ser o cerne da questão. Instabilidade ou estabilidade apresentam-se, assim, como foco, perspectiva, ângulo de visão e não como realidades ontológicas e/ou *locus* de ação. Porém, é como se o narrador não quisesse desvendar esse jogo e assim, mais uma vez, enfatiza, usando-se da mesma ironia, que o garoto não sofria com essas elucubrações, “pois o passo que muitos não chegam a dar ele já havia dado: aceitara a incerteza, e lidava com os componentes da incerteza com uma concentração de quem examina através das lentes de um microscópio” (LISPECTOR, 2016, p. 332).

O ápice da ânsia do personagem ocorre quando é dito que ele pouco a pouco substituiu as preocupações de como se comportaria pela projeção de como as coisas seriam e, assim, passa a “querer decidir” sobre o cheiro da casa, o tamanho do quintal, as gavetas que abriria. Todavia, tudo cai por terra quando conhece a prima e nota que ela tem um dente de ouro do lado esquerdo da boca. Isso ele não tinha previsto e esse pequeno detalhe “desequilibrava toda a construção antecipada” (LISPECTOR, 2016, p. 333).

Contudo, o jogo da narrativa coloca sempre o leitor em suspense e, quando tudo faz crer que o conto atingiu seu ápice, momento em que o garoto verá enfim suas expectativas inalcançáveis serem demolidas, lê-se, não sem surpresa:

Houve o dente de ouro, com o qual ele não havia contado. Mas, com a segurança que ele encontrava na ideia de uma imprevisibilidade

permanente, tanto que até usava óculos, **não se tornou inseguro pelo fato de encontrar logo de início algo com que não contara** (LISPECTOR, 2016, p. 333) [grifo meu].

A menção ao uso dos óculos, justificando sua aceitação de saber que as coisas não se apresentam nítidas e que por isso são instáveis, suscita ao mesmo tempo que esse dispositivo não é eficaz na correção de sua vista. Quanto mais espessas se tornam as lentes dos óculos, menos ele é capaz de enxergar, ficando explícito que seu problema de visão transcende os aspectos físicos.

Seguindo firme em seu plano, o garoto começa a aplicar todas as estratégias para que a prima visse nele a pessoa que ele queria ser, no entanto não obtém sucesso: “Então foi ao banheiro onde resolveu que, já que tudo falhara, ele iria brincar de ‘não ser julgado’: por um dia inteiro ele não seria nada, simplesmente não seria. E abriu a porta num safanão de liberdade” (LISPECTOR, 2016, p. 333).

Livre do jogo que impusera a si mesmo, a avaliação alheia já não lhe pesava sobre ombros. E aqui a genialidade da autora se faz sentir na perspicácia ao lidar com questões existenciais profundas: longe de se sentir livre por ser ele mesmo, ele sente a liberdade de não-ser, abrindo-se aí um leque de possibilidades (não ser projeção, sombra, expectativa, anseio).

A liberdade surgida assim, quase de repente, vinha, na verdade, da maior surpresa que tivera naquele dia; o amor da prima que não se mostrou evidente logo no início e nem lhe foi entregue de supetão. Ao contrário, revelou-se aos poucos, nos pequenos gestos, na comida, no olhar.

Uma outra visão de amor, diferente do amor dos outros adultos, um amor impossível, nascido da ausência de filhos e do desejo que nunca se realizaria de que ele pudesse ser seu rebento:

O dia inteiro o amor exigindo um passado que redimisse o presente e o futuro. O dia inteiro, sem uma palavra, ela exigindo dele que ele tivesse nascido no ventre dela. A prima não queria nada dele, senão isso. Ela queria do menino de óculos que ela não fosse uma mulher sem filhos. **Nesse dia, pois, ele conheceu uma das raras formas de estabilidade: a estabilidade do desejo irrealizável.** A estabilidade do ideal inatingível. Pela primeira vez, ele, que era um ser votado à moderação,

pela primeira vez sentiu-se atraído pelo imoderado: atração pelo extremo impossível. Numa palavra, pelo impossível. E pela primeira vez teve então amor pela paixão (LISPECTOR, 2016, p.334) [grifo meu].

O amor impossível de um dia inteiro foi seu passaporte de liberdade para não-ser. O olhar para dentro, proporcionado pela luz do amor do outro, fez a vista desemaranhar e, nesse dia, ele conseguiu ver o mundo com clareza. E então, ele

(...) adaptou-se ao amor de uma mulher, amor novo que não parecia com o amor dos outros adultos: era um amor pedindo realização, pois faltava à prima a gravidez, que já é em si um amor materno realizado. Mas era um amor sem a prévia gravidez. Era um amor pedindo, a posteriori, a concepção. Enfim, o amor impossível (LISPECTOR, 2016, p. 334).

Associar o amor com a possibilidade de correção da disfunção do olhar possibilita mais uma vez que se recorra à Filosofia na tentativa de compreender ou, pelo menos, refletir sobre o que somos realmente capazes de ver. Tal qual se dá com a prima, que não pode ter filhos e projeta no personagem seu desejo, o amor apresenta-se no *Banquete*, de Platão, como carência, necessidade e, simultaneamente, desejo de conquista, de se conservar o que não se possui (200 b - e).

Interrompida na prima a perpetuação da espécie, pela impossibilidade de ter filhos, seu amor estável faz com que ela gere, não através do corpo, mas do seu verdadeiro ser, um novo alguém. E, assim, o protagonista renasce para um mundo antes desconhecido:

Foi apenas como se ele tivesse tirado os óculos, e a miopia mesmo é que o fizesse enxergar. Talvez tenha sido a partir de então que pegou um hábito para o resto da vida: cada vez que a confusão aumentava e ele enxergava pouco, tirava os óculos sob o pretexto de limpá-los e, sem óculos, fitava o interlocutor com uma fixidez reverberada de cego ansiando a estabilidade, nem que seja por só um dia (LISPECTOR, 2016, p. 334).

A lembrança daquele dia o faz, a partir de então, retirar os óculos para enxergar. Mira seu interlocutor com olhos de cego, porém capazes, agora, de captar a

essência daquele com quem fala. O título, “Evolução de uma miopia”, se mostra em toda sua poesia. Não são os olhos físicos que nos fazem realmente ver. Quanto mais privado de visão, mais ele enxerga, pois seu olhar, transcendendo a esfera da instabilidade, não mais se prendeu em jogos comportamentais de relações inseguras no afã manipulador do exercício do poder.

Amor de autonomia, relação e nunca unicidade, modos do existir humano que Clarice Lispector captou, ficcionalizou e legou a seus leitores, projetando luz com sua arte literária, transformadora de olhos míopes em visão clara, isto é, “clariceanamente” poética.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. 13 ed. Tradução de Roberto Raposo. Revisão de Adriano Correia. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2018.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os Contos*. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MOSER, Benjamin. Glamour e gramática. In.: LISPECTOR, Clarice. *Todos os Contos*. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

PLATÃO. *A República*. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. O Banquete. In.: *Diálogos/Platão*. Tradução de José Cavalcanti de Souza. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Coleção: Os pensadores).